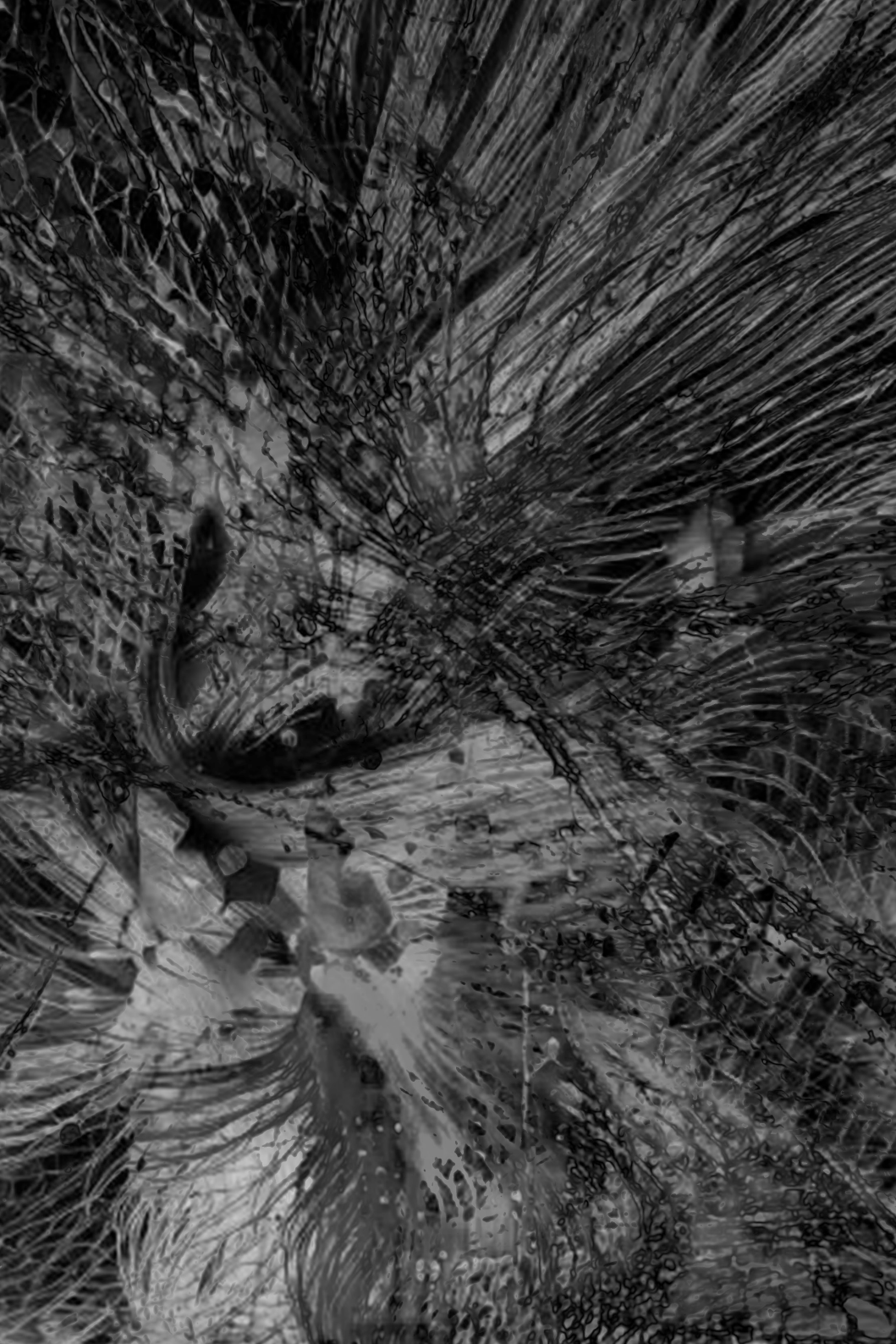
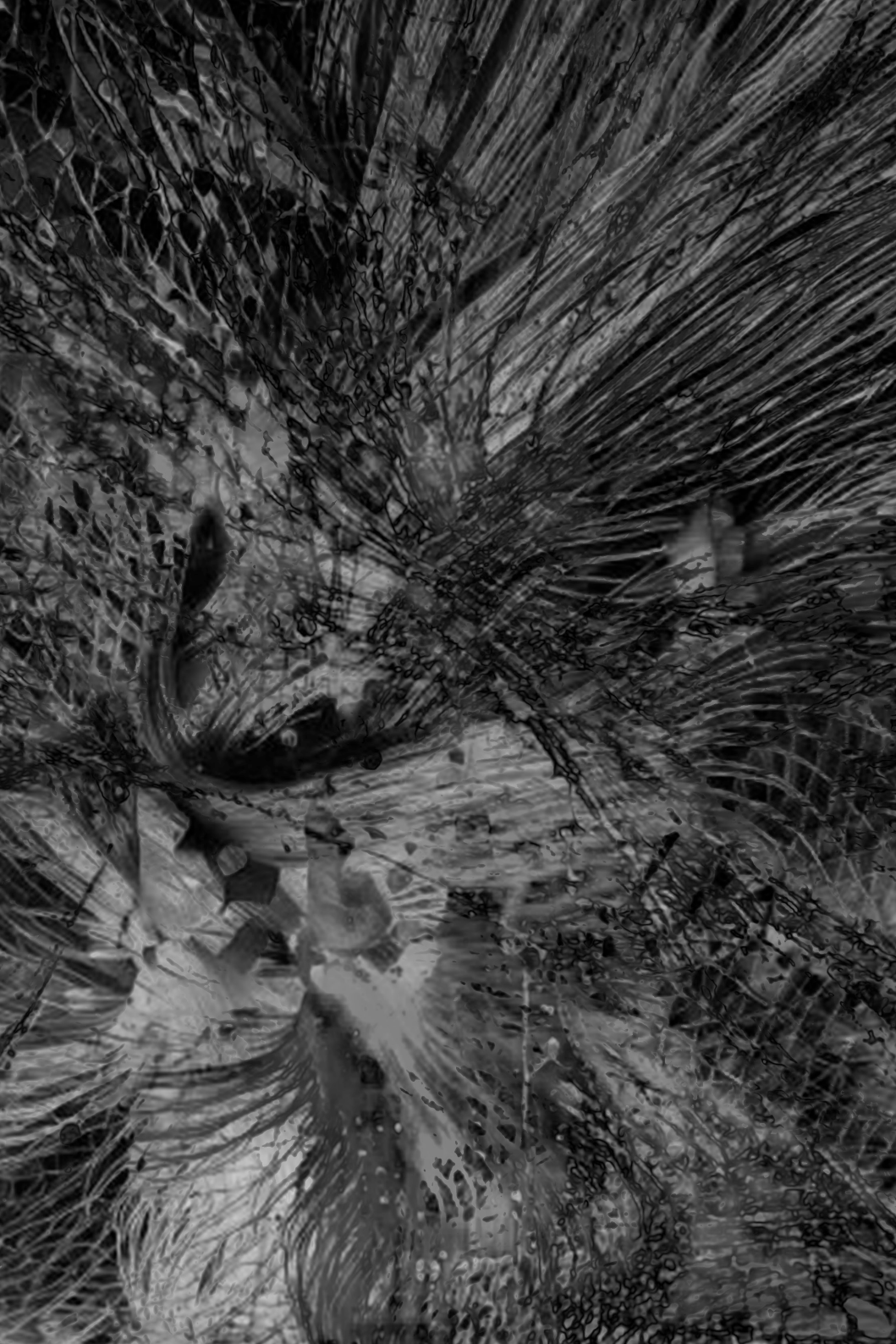






FORÇAS ESTRANHAS

**A psicanálise
e as visões da ayahuasca**

Com prefácio de
Mario Eduardo Costa Pereira
E posfácio de
Luís Fernando Tófoli

Rodolfo Olivieri



Dedicado a Ivan

SUMÁRIO

Para além da correção química	9
<i>Por Mario Eduardo Costa Pereira</i>	
APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1.	
A Psicanálise e os psicodélicos	33
CAPÍTULO 2.	
O contexto da América Latina	57
CAPÍTULO 3.	
Miração	93
CAPÍTULO 4.	
O inconsciente psicanalítico e os sonhos	121
CAPÍTULO 5.	
Pode um psicodélico interessar ao psicanalista?	137
CONCLUSÃO	173
POSFÁCIO	177
<i>Por Luis Fernando Tófoli</i>	
REFERÊNCIAS	183

PARA ALÉM DA CORREÇÃO QUÍMICA

PSICODÉLICOS, PSICOTERAPIA E CLÍNICA DO SUJEITO

Mario Eduardo Costa Pereira

A psiquiatria contemporânea atravessa um momento de inflexão. A tradição dominante da especialidade, fortemente ancorada em uma concepção biomédica e farmacológica do sofrimento psíquico, consagrou uma compreensão segundo a qual os psicofármacos atuariam como instrumentos de correção de disfunções neuroquímicas. Substâncias como antidepressivos, ansiolíticos e antipsicóticos seriam, nessa perspectiva, dispositivos técnicos destinados a atenuar sintomas e restaurar o "equilíbrio" do paciente, sempre com base em evidências científicas objetivas e protocolos padronizados de tratamento. O sintoma psíquico – assim reduzido à condição de mal a ser combatido, atenuado e idealmente normalizado – torna-se o alvo central do projeto terapêutico. Busca-se, assim, um efeito direto do psicofármaco sobre o transtorno mental, tendo como objetivo clínico valores morais e de bom senso amplamente compartilhados no plano social: a diminuição do sofrimento

psíquico subjetivo, o controle dos sintomas, o restabelecimento da funcionalidade psicossocial do paciente, a melhora de sua qualidade de vida e a redução de riscos para si e para os outros. Em nenhum momento, contudo, nesse tipo de concepção dos objetivos últimos do tratamento, se coloca a interrogação sobre a participação – ontológica, simbólica, portanto, histórica, linguística e social – do próprio sujeito na produção da condição patológica da qual ele se queixa.

Nos últimos anos, porém, após um primeiro (e breve) florescimento nos anos 1970, a reintrodução dos psicodélicos no horizonte da pesquisa clínica psiquiátrica vem provocando uma mudança paradigmática. Ao contrário da farmacoterapia clássica, os psicodélicos não atuam apenas sobre sintomas isolados, mas promovem experiências mentais amplificadas, singulares, atravessadas por elementos simbólicos, afetivos e relacionais, pelo resgate de memórias há muito recalçadas, pelo acesso a novas associações e elaborações psíquicas antes impensáveis. Trata-se, portanto, de substâncias cujo efeito terapêutico potencial se articula a processos subjetivos de elaboração, reconfiguração de circuitos mentais e reconexão com aspectos esquecidos ou renegados da vida psíquica.

A convergência entre essas propriedades dos psicodélicos e os objetivos clínicos da psicanálise é evidente. Ambas se interessam pelo acesso a memórias soterradas, pela escuta do singular, pela produção de novas significações para cenas mentais traumáticas e congeladas, pelo descentramento do sujeito diante de experiências-limite que desafiam a lógica do eu (até que ponto,

por exemplo, não somos mais assujeitados do que agentes das tradições socioculturais que nos moldaram inconscientemente?). Mesmo os estudos focados na eficácia dos psicodélicos sobre sintomas como depressão ou ansiedade apontam, de forma recorrente, para transformações subjetivas mais profundas que o mero aplacamento dos sintomas: alterações de sentido, ampliação da percepção de si e do mundo, desbloqueios associativos e mudanças significativas de posição subjetiva.

Esse vasto potencial terapêutico antevisto com o uso de substâncias psicodélicas, todavia, exige um novo modelo clínico capaz de sustentá-lo. As chamadas “psicoterapias assistidas por psicodélicos” pedem um arcabouço teórico e técnico que não apenas acompanhe a experiência do paciente, mas que também reconheça e acolha o que há de inusitado e de irreduzivelmente singular em cada um. A escuta — neste contexto — deve ser ao mesmo tempo cuidadosa e desarmada, disposta a se deixar afetar por aquilo que escapa às categorias de psicopatologia geral preexistentes. Dito de outro modo, uma psicoterapia assistida por psicodélicos não se define pelo efeito neuroquímico direto da substância empregada, mas por aquilo que a alteração do funcionamento mental por ela induzida torna acessível à elaboração psíquica subjetiva: quando, em exposição à alteridade sustentada pelo terapeuta, o sujeito tenta traduzir sua experiência inusitada em palavras endereçadas a um Outro. Ao contrário da psicofarmacologia tradicional, a terapia assistida por psicodélicos não supõe que o efeito terapêutico derive apenas da ação neuroquímica da substância, mas que depende igualmente da linguagem, do endereçamento ao Outro e, portanto, da

situação de transferência, no sentido psicanalítico do termo, produzida no e pelo próprio processo psicoterapêutico.

É nesse ponto que a investigação de Rodolfo Olivieri se revela particularmente relevante. Com sensibilidade teórica e afinamento clínico, o autor realiza um deslocamento fundamental de nossas formas habituais de conceber as chamadas psicoterapias assistidas por psicodélicos, a partir de uma proposta bem específica: abordar os efeitos visuais da ayahuasca não como mera alucinação ou distorção perceptiva, mas como forma de expressão simbólica dotada de valor subjetivo. A partir da escuta psicanalítica, ele investiga como essas manifestações visuais se articulam ao desejo, ao trauma, à história singular dos sujeitos. E, sobretudo, se interroga: como esse complexo fenômeno mental induzido pela experiência psicodélica pode ser mobilizado para potencializar o processo psicoterápico?

A abordagem metodológica que daí decorre merece destaque: ao se implicar subjetivamente na pesquisa, Olivieri rompe com a pretensa neutralidade científica, fazendo da própria escuta uma forma de produção de conhecimento. Essa implicação não compromete o rigor da pesquisa — ao contrário, fortalece-o ao inscrevê-lo no horizonte da clínica psicanalítica, onde o lugar do analista e do pesquisador é, necessariamente, atravessado pelo real desse esforço do sujeito em traduzir, em palavras dirigidas a um Outro, sua experiência mental potente e inusitada, propiciada pelo uso do psicodélico. Dá-se, assim, um encontro com o real, passível de ser integrado como experiência psíquica transformadora, desde que submetido à

ação destigmatizante do esforço de simbolização desse real por meio da linguagem. Naturalmente, esse processo produz um resto, irreduzível ao sentido, mas que ancora para o sujeito seu sentimento de desejar e de existir de maneira autêntica, real. Para isso, a figura do terapeuta é indispensável: é ele quem sustenta, pela transferência, que para além do caráter inusitado — e eventualmente fascinante — da experiência psicodélica, o que está em jogo, em última instância, é uma interrogação radical da verdade subjetiva, tornada mais acessível pelo conjunto desse dispositivo de “terapia pela palavra proferida sob transferência”, apoiado por aquilo que a vivência psicodélica permite emergir.

Nesse contexto, o livro aponta também para o papel do horizonte social e cultural em que se dá a experiência psicodélica. Em grande parte vinculada a contextos ritualísticos profundamente assentados na tradição cultural de determinadas comunidades, a experiência subjetiva com essas substâncias é inseparável do ambiente simbólico e social no interior do qual ela se constitui.

É assim, também, que a elaboração da noção de “forças estranhas” constitui outra contribuição original da obra. Ao invés de reduzir a experiência visionária da ayahuasca a categorias psicológicas — ou mesmo psicanalíticas — preexistentes, o autor escuta essas manifestações como irrupções do indizível, do informe, daquilo que desafia a racionalidade dominante. Essa escuta do excesso convoca a psicanálise não como repertório explicativo, mas como gesto de hospitalidade diante do enigma.

Olivieri realiza, assim, uma crítica sutil, porém firme, à psiquiatria hoje hegemônica e à sua tendência de normatizar o sofrimento psíquico por meio de categorias diagnósticas rígidas e intervenções farmacológicas padronizadas. A aposta na experiência psíquica com potencial elaborativo — e não apenas na normalização — recoloca no centro da cena a questão ética do cuidado, abrindo espaço para um diálogo efetivo com saberes tradicionais e com experiências clínicas não hegemônicas.

Por fim, o estilo do autor merece atenção. Entre o rigor conceitual e a abertura poética, seu texto ressoa com o próprio fenômeno que busca compreender. Não se trata apenas de relatar ou teorizar, mas de colocar o leitor em contato com a vibração da experiência — uma escrita que é também, em si, uma forma de escuta.

Forças Estranhas é, assim, uma contribuição valiosa, instigante e necessária. Em um momento em que a medicina mental, pressionada pela chegada maciça das novas tecnologias computacionais e da inteligência artificial, busca — e necessita — urgentemente reencontrar o sujeito, este livro oferece uma perspectiva situada no cruzamento entre saberes, afetos e imagens, e que restitui às experiências psicodélicas a dignidade simbólica que elas demandam.

APRESENTAÇÃO

Meu nome e minha história haviam se dissolvido no esquecimento, como se nunca tivessem existido. Esqueci-me de que estava em um lugar, dentro, e que poderia caminhar para fora; esses conceitos já não existiam. Segurava meus óculos com força, tomado pela apreensão; durante aquelas horas, eles foram uma espécie de âncora que me dizia que ainda estava vivo: “somente os vivos precisam de óculos”. O tempo, esse senhor tão bonito, flutuava diante de mim, oscilante; só o instante importava. A lua, a fogueira e as estrelas brilhavam de uma forma que, míope, eu mal podia acreditar.

Eu, à época um jovem estudante de psicologia, curioso e entusiasmado com os primeiros textos e disciplinas, aspirante a psiconauta e entusiasta dos estados não alterados de consciência, leitor de Freud, Jung, do teatro mágico de Hermann Hesse, de Huxley e Castaneda, não podia capturar plenamente aquele momento fantástico.

Passei por terrores e deslumbres. Ouvi a voz da planta professora e fui transportado para seu reino. Vivi o amor, a piedade, o medo, a poesia e a beleza do encontro; a possibilidade da experiência da vida, meu corpo, minha voz e minha consciência. Amei meus amigos e minha família como nunca antes; senti-me acolhido, aconchegado e generosamente entregue de volta. Nos anos seguintes, minhas leituras, experiências e conversas psicodélicas foram, em parte, uma tentativa de elaborar esse dia especial. Sobre tudo, este livro que tens em mãos nasce desse esforço de compreensão. O dia em que me deparei, pela primeira vez, com a força da ayahuasca. Dia de espanto.

Muitos anos depois, em tempos de grande aprendizagem no hospital da Unicamp, participei de um seminário do professor Mário Eduardo, o mesmo que prefacia este livro, e o escutei dizer sobre o inconsciente: uma força estranha. Indiscutível força, que nos impulsiona pela vida e nos interpela em ações que excedem em muito a razão. Estranha, pois a exercemos e repetimos sem nos darmos conta, como se o ímpeto que nos movesse viesse do céu, do além ou de algum outro canto. Essa definição ficou comigo.

Em uma tarde marcante — tarde de reencontro com os ensinamentos da planta professora —, no mesmo período em que escrevia a dissertação de mestrado que originou este livro, ouvi de meu orientador, Luís Tófoli, o mesmo que assina o posfácio desta obra, que, em determinada religião ayahuasqueira, o efeito do chá — a burracheira — pode ser

descrito exatamente assim: força estranha. Foi um instante de espanto e de conexão. Naquele dia, encontrei o título que este trabalho receberia e a maneira de tentar traduzir esse encontro tão singular: inconsciente e ayahuasca.

Quanto à psicanálise, posso dizer que foi uma identificação imediata. E, como todo encontro com a psicanálise se dá através dos psicanalistas e de suas transmissões, ao compreender as variações teóricas, éticas, ideológicas e estéticas das diferentes abordagens, minha conexão com a transmissão lacaniana foi igualmente instantânea. Às vezes inapreensível, misteriosa, errática, confusa — sobretudo para quem está chegando.

É a partir desse lugar que escrevo: um psicanalista clínico, cujo percurso foi atravessado por forças estranhas. Inclinado à transmissão e à prática da psicanálise lacaniana e com profundo interesse no caráter subversivo dos psicodélicos. Um caminho que, assim como a análise, se faz sempre em primeira pessoa. Com os Outros, mas com os próprios passos.